

A CHAMADA VISUAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Juliana dos Santos Martins¹ (Autora); Mariana Campos Pinho² (Coautora); Síglia Pimentel Höher Camargo³ (Orientadora)

*Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – juh_1.msn@hotmail.com¹
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – mcpinho30@hotmail.com²
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – sigliahoher@yahoo.com.br³*

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é um pressuposto que impõe mudança de paradigma das escolas, passando a olhar para as diferenças e necessidades dos alunos, nas quais essas características servem de base para a estruturação do ensino. Repensar as práticas pedagógicas para promover a aprendizagem, não é uma ação que atinge apenas alunos com deficiência ou com alguma dificuldade de aprendizado, mas todos os alunos da escola, para que obtenham sucesso no seu processo educativo (MANTOAN, 2003).

Nesse sentido, a inclusão mostra-se benéfica para todos os sujeitos envolvidos no processo educacional, pois os alunos trocam experiências e aprendizagens entre si, os professores buscam e agregam mais conhecimentos, e a sociedade em geral torna-se mais tolerante e respeitosa com as diferenças das pessoas (MANTOAN, 2003).

As crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) são público da educação especial, que possuem direito de acesso as escolas regulares. A lei nº 12.764 de 2012 reconhece o transtorno como deficiência, e veda a recusa de matrícula para esses indivíduos, sendo que os gestores escolares que negarem a matrícula poderão ser punidos por autoridade competente (BRASIL, 2008; 2012).

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que compromete as áreas de comunicação, interação social e comportamento. Em relação aos déficits na comunicação e interação social, essas crianças possuem dificuldades na reciprocidade socioemocional, quando necessitam iniciar ou responder interações sociais, e na ausência ou compartilhamento reduzido dos seus interesses, emoções, desejos, etc (DSM-5, 2013).

Na comunicação verbal e não verbal apresentam prejuízo no uso da atenção compartilhada, do contato visual, e de gestos e expressões faciais. Podem apresentar padrões estereotipados de comportamento; uso restrito e repetitivo de interesses; adesão inflexível a rotinas; hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais. Essas são algumas características do transtorno, que podem manifestar-se de diferentes formas e intensidades em cada indivíduo (DSM-5, 2013).

Alguns estudos mostram que crianças com TEA são capazes de processar as informações visuais melhor que as informações verbais, pois elas possuem dificuldades com o abstrato. Dessa forma, o uso de imagens, fotografias, figuras e de materiais concretos contribuem para a compreensão dessas crianças com os conteúdos e atividades desenvolvidas em sala de aula, além de minimizar os déficits nas áreas comprometidas pelo transtorno (QUILL, 1995).

O objetivo desse estudo é compreender, a partir de um relato de experiência, as contribuições do uso da chamada visual para uma criança com TEA incluída em sala de aula regular.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado através da atividade de chamada visual, realizada em uma turma de anos iniciais que possuía uma criança com TEA matriculada. A chamada visual consistia em um painel fixado na parede, com as fotos de todos os alunos da turma.

Na frente do painel, ficava uma mesa com os nomes dos alunos impressos, onde cada um deveria encontrar seu nome e fixá-lo abaixo da sua fotografia no painel da chamada visual. Quando algum aluno não estava presente, sua foto não era colocada no painel, permitindo que todos percebessem o colega ou os colegas que estavam ausentes naquele dia.

RESULTADOS

O primeiro contato da turma com a atividade da chamada visual causou estranheza para as crianças, pois eles estavam acostumados a responder a chamada oralmente. Este novo formato de realizar a chamada provocou curiosidade e motivação na turma, inclusive para a criança com TEA.

A criança com TEA precisou da assistência da professora e dos colegas para realizar a atividade proposta, na qual ela foi instigada a identificar, reconhecer e associar a escrita do seu nome à sua fotografia. Ela foi capaz de realizar e compreender a lógica da atividade, perante as pistas que a professora forneceu. O aluno com TEA percebe que um colega da turma não estava presente, porque ele concluiu que a sua foto e a dos outros colegas presentes em aula, estavam afixadas no painel.

Em outro momento, ele consegue fazer a associação entre quem está ou não presente em sala, através das referências visuais e da mediação da professora e dos colegas. A aprendizagem do aluno com TEA nesta tarefa parece ter sido influenciada pela assistência da professora e dos colegas, que ficaram a todo o momento questionando-o sobre quem eram as crianças que estavam ou não na aula, sempre apontando para as fotos na chamada visual.

Para este aluno a oportunidade de vivenciar momentos de aprendizagem mútua com seus pares e a professora foi importante para o desenvolvimento da sua habilidade de atenção compartilhada. Além disso, os seus atos comunicativos tornaram-se mais significativos e de forma contextualizada (CUNHA, 2013).

Estudos mostram que a aquisição da habilidade de atenção compartilhada é primordial para o desenvolvimento da comunicação, principalmente para promover a intencionalidade da comunicação (BOSA, 2002). O aluno com TEA exercita a habilidade de atenção compartilhada quando a professora o questiona sobre os colegas que não estavam presentes, através dos recursos visuais, e ele então alterna o olhar entre as fotos e a professora, e responde adequadamente os questionamentos.

Após muitos estímulos da professora e dos seus pares e da repetição da atividade da chamada visual, o aluno com TEA já conseguia realizar a atividade com autonomia.

CONCLUSÕES

A inclusão escolar proporciona oportunidades da criança com TEA de vivenciar momentos com seus pares, e quando ambos são estimulados para interagir entre si, a escola torna-se um espaço de aprendizagem e desenvolvimento social para todos (SCHMIDT, 2013). Com a utilização da chamada visual, foi possível perceber que esta atividade favoreceu interações entre os pares e principalmente da professora com o aluno com TEA.

Bosa (2002) descreve que em uma interação entre um adulto e uma criança, um dos comportamentos que demonstra intencionalidade da comunicação poderia ser algum movimento produzido pela criança, incluindo alternância do olhar entre o objeto e o adulto. Este tipo de comportamento foi percebido no aluno com TEA em diversos momentos da realização da chamada visual, evidenciando que a chamada visual pode contribuir para o desenvolvimento da atenção compartilhada, que é uma das habilidades essenciais para potencializar a intencionalidade da comunicação (BOSA, 2002).

Esta atividade foi significativa não só para o aluno com TEA, mas motivou a participação de toda turma. Além disso, mostrou que um trabalho contínuo e sistemático pode repercutir bons resultados na aprendizagem de crianças com TEA.

Neste estudo especificamente, após um intensivo de repetições da atividade o aluno com TEA passou a conseguir identificar os colegas que estavam presentes ou não na aula, a dividir momentos de atenção com colegas e professora, a discriminar seu nome dentre os demais, realizando com independência a chamada visual, após um período de tempo.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-: DSM-5**. Artmed Editora, 2013.

BOSA, Cleonice. Atenção Compartilhada e Identificação Precoce do Autismo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 77-88, 2002.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Inclusão, v.4, n.1, p.7-17, 2008.

BRASIL. Lei 12.764. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Brasília, 2012.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo, Moderna, 2003.

QUILL, Kathleen. VisuallyCuedInstruction for ChildrenwithAutismandPervasiveDevelopmentalDisorders. **Focus onautisticbehavior**. v. 10, f. 3, p. 10-20, 1995.

ROPOLI, Edilene A.; MANTOAN, Maria T. E.; SANTOS, Maria T. C. T; MACHADO, Rosângela. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: A Escola Comum Inclusiva**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, 2010. 48 p.

SCHMIDT, Carlo (org.). **Autismo, Educação e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papyrus, 2013. 232 p.